

# A História e a pesquisa histórica na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) \*

*History and historical research in the “Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência” (Brazilian Society for the science’s Advancement)*

**Diogo da Silva Roiz\***

**Jonas Rafael dos Santos\*\***

Artigo recebido em outubro de 2007 e aprovado em janeiro de 2008

## Resumo:

O artigo analisa algumas das características contidas nos resumos apresentados nas reuniões anuais da SBPC publicados em seus Anais, no período de 1979 a 1993, sob os seguintes indicadores: a) variação anual do número de resumos apresentados, no período, na área de História; b) titulação do apresentador; c) e a participação das Universidades do Estado de São Paulo.

\* Este texto é parte do quinto capítulo de uma pesquisa concluída no final de 2003. Foi elaborada entre 1998 e 2002, e se originou no Programa Especial de Treinamento (PET) do curso de História da Unesp, Campus de Franca. A pesquisa foi orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aparecida da Glória Aissar. O texto completo é intitulado: *A recepção da “Escola dos Annales” no Estado de São Paulo*: da FFCL\USP a FHDSS\UNESP. Partes da pesquisa já foram publicadas sob a forma de artigos. Uma versão deste texto foi apresentada na IV – Semana de História ‘Função da teoria na Escrita da História’ da UEMS, na unidade de Amambai, entre 2 e 5 de outubro de 2006.

\*\* Mestre em História pelo programa de pós-graduação da UNESP, Campus de Franca. Coordenador do curso de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Amambai.

\*\*\* Doutor em História pela Unesp, Campus de Franca. Professor da Rede pública Municipal de Campinas.

---

### Palavras-chave:

SBPC; Universidades; Estado de São Paulo; publicações sequenciais.

---

### Abstract:

The article analyzes some of the characteristics contained in the abstracts presented in the annual meetings of the SBPC published in its Annals, in the period of 1979 up to 1993, under the following pointers: a) the annual variation of the number of presented abstracts, in the period, the area of History; b) graduation of the presenter; c) and the participation of the Universities of the State of São Paulo.

---

### Keywords:

SBPC, University, State of São Paulo; sequential publications.

Este artigo propõe-se a analisar a trajetória das reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC)<sup>1</sup>, a partir de seus Anais e com ênfase na subseção de História, no período de 1979 a 1993, sob os seguintes indicadores: a) variação anual do número de resumos apresentados no período; b) titulação do apresentador; c) e a participação das Universidades do Estado de São Paulo nas reuniões do período selecionado. Ou para dizer o mesmo, qual o número de resumos, quem foram os apresentadores e de onde vieram.

O estudo de publicações sequenciais tem atraído a atenção de diversos estudiosos e vem se tornando objeto de várias pesquisas entre as áreas de Ciências Humanas nos últimos anos. Pelas suas características próprias, o exame de publicações periódicas, tem contribuído no detalhamento de temas e enfoques escolhidos por estudiosos em determinadas épocas, a partir da verificação dos debates provenientes daquelas publicações. Além disso, conforme

---

1 A SBPC foi fundada em 1948, e em 1949, criava-se a revista: Cultura e Ciência. A primeira reunião ocorreu em outubro de 1949 em Campinas, onde compareceram 104 participantes no congresso. Desde então tem sido um evento de grande repercussão no país. Para mais detalhes ver: VÁRIOS. *Cientistas do Brasil. Depoimentos*. Apresentação de Ennio Candotti. São Paulo: SBPC, 1998; FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Tradução de Marcos Bagno. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; ANPOCS; CNPq, 1990.

indica Ana Maria Martinez Correa na introdução do livro de Tânia Regina de Luca intitulado *A revista do Brasil*, “as publicações seqüenciais podem proporcionar ao estudioso as possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse na época, a maneira como foram abordados, quem eram seus autores e quem eram seus leitores”<sup>2</sup>, assim contribuindo para se pensar e avaliar a produção intelectual em determinados períodos de nossa História.

Para alcançar os objetivos pretendidos nesta pesquisa, buscou-se entender por *congresso* um espaço favorável para o encontro de profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, discutindo assuntos a eles e a sua época pertinente, por isso mesmo, um espaço que permite verificar a participação de profissionais de diversas partes do país. As publicações seqüenciais dos congressos, nos cadernos de resumos, possibilitam que o pesquisador verifique quais os temas em debate, quem foram seus participantes e de onde vieram, embora não tragam informações pormenorizadas sobre os métodos e as linhas teóricas adotadas, ou então desenvolvidas pelo estudioso. Os resumos permitem vislumbrar objetivos e fontes escolhidas pelo pesquisador no trabalho. Não obstante, exista a mudança quanto ao tamanho dos resumos no período pesquisado, as regras para a sua confecção foram mantidas, seguindo o seguinte padrão: introdução, objetivo, metodologia, resultados e conclusão.

Obviamente, o recorte que foi proposto não permite uma análise sistemática dos temas e períodos escolhidos pelos apresentadores, autores dos resumos. Entretanto, para se ter uma idéia, como constatação: até o final dos anos de 1970, a maior parte das discussões girava em torno das delimitações e fronteiras da disciplina, e das possibilidades de pesquisa na área de História, sendo deste modo, as discussões sobre teoria e filosofia da História temas recorrentes, assim como, pesquisas com o aporte metodológico em outras disciplinas como a Antropologia, a Demografia, a Sociologia, a Filosofia. Desse período também foi possível notar um aumento de trabalhos apresentados sobre a Primeira República, focalizando questões como: imigração; economia cafeeira; industrialização; questões de raça; política entre partidos.

No período que se seguiu aos anos 80 e 90, embora o número de trabalhos teóricos tenha diminuído acentuadamente (como de teoria e filosofia da História, também porque, houve neste perí-

2 LUCA, Tânia Regina de. *A revista do Brasil*: um diagnóstico para a (n)ação. São Paulo: Edunesp, 1999.

odo uma redefinição entre as seções dos cadernos de resumos), trabalhos testando metodologias, principalmente francesas e inglesas (e agora também norte americanas) se manteve, compondo, por assim dizer, um mosaico de linhas e temas de pesquisa como: os debates sobre raça; os estudos sobre a escravidão e as peculiaridades do regime escravista brasileiro; o perfil e as características da imigração e da migração, bem como a obtenção de capitais e investimentos; o desenvolvimento da industrialização nacional; a formação de fronteiras nacionais; as idéias de nação e nacionalismo na formação do Estado Brasileiro; as questões de gênero e cotidiano. No entanto, a História Colonial e Imperial, apenas no final do período teve um revigoreamento nos estudos, sendo a História da República a grande contemplada nas pesquisas apresentadas nos Anais dos congressos da SBPC durante os anos de 1980 e 1990.

De modo que análises como essa se justificam em função de que nas últimas décadas houve a consolidação do Sistema Universitário Brasileiro. Além do aprimoramento e renovação dos currículos de cursos em nível de graduação, do aparecimento de novas Faculdades e Universidades Federais, Estaduais, Municipais e Particulares, o número de programas de pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado vem crescendo muito nas áreas de História e Ciências Sociais<sup>3</sup>. A diversificação do número de progra-

3 As Universidades brasileiras, nesses últimos anos, passam por um conjunto de transformações, que tem acompanhado as mudanças da sociedade a que se tem convenido chamar de “global”. No que diz respeito aos debates acadêmicos verifica-se que a produção historiográfica das Universidades Brasileiras – na área de História – tem passado por diversas mudanças nestas últimas décadas, em função das renovações nos métodos, abordagens, problemas e avanços nas pesquisas, por meio de estudos de caso realizados em várias partes do país, provenientes, principalmente, dos questionamentos internacionais da historiografia posterior à década de 1960. A contribuição dessa historiografia ocorreu não apenas na apropriação de métodos de pesquisa e na valorização de temas, até então pouco ou nada pesquisados, mas também na revisão de assuntos até então dados como quase definidos, além de ampliar as reflexões sobre aquelas obras pioneiras e anteriores a década de 1960. Sendo deste modo, profícuo o intercâmbio de idéias e debates, não só em livros, teses e artigos, mas também em congressos, encontros de pesquisadores nacionais e estrangeiros, no período que se seguiu às décadas de 1980 e 1990. Para um maior

mas tem redistribuído os centros de pesquisa e produção do saber, fazendo escoar a produção de ponta por meio de livros, revistas e teses, não apenas em São Paulo e entre o Sudeste, como ocorreria durante longo período desde as primeiras décadas do século XX, quando o número de centros de pesquisa fora muito pequeno e o intercâmbio entre os estados ficava restrito a poucas formas de distribuição de informação e encontros culturais. Com exceção daquelas Faculdades de Direito, Medicina e Engenharia, distribuídas entre algumas áreas do país, a produção do conhecimento em outras áreas e a formação de profissionais ainda era muito restrita. Mesmo depois da criação das Faculdades de Educação, Ciências e Letras, posteriormente multiplicadas com as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras e as Faculdades de Economia, o problema da formação profissional em outras áreas do saber e a produção e distribuição do conhecimento de ponta produzido no país, ainda estava restrito ao espaço onde foram produzidos<sup>4</sup>.

Esse problema afigurava-se ainda mais persistente, porque o número de editoras e livrarias no país eram então muito escassas e mesmo depois das décadas de 1940 e 50, quando ocorreu um salto quantitativo e qualitativo no processo de editoração e formatação dos exemplares produzidos (em maior número), a publicação de livros que tiveram como base pesquisas acadêmicas permaneceu pequena e limitada àquelas coleções pioneiras de “documentos brasileiros”. Antes desse período a maioria dos autores que obtinha acesso ao mercado editorial, era ou por meio de suas relações de poder e de amizades pessoais com a elite dirigente, ou a partir de capitais simbólicos e pessoais, por meio dos quais financiavam, por sua própria conta e risco, a publicação de suas obras no exterior. A melhoria dos transportes e a modernização de estradas e cidades não resolveram o problema, embora tenham melhorado

---

detalhamento dessa questão ver: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. – 1ª reimpressão – Rio de Janeiro: Campus, 1997; DIEHL, Astor Antônio. *A cultura historiográfica brasileira. Década de 1930 aos anos 1970 – 3º volume* – Passo Fundo: Ediupif, 1999, 4.v; FICO, Carlos & POLITO, Ronald. *A história no Brasil (1980-1989) Elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.

4 IGLÉSIAS, Francisco. *História e Ideologia*. São Paulo: Perspectiva, 1987; IGLÉSIAS, Francisco. A historiografia brasileira atual e a interdisciplinaridade. *Revista Brasileira de História*. 3(5): 129-141, 1983.

a distribuição de livros e revistas no país<sup>5</sup>. No entanto, o debate entre Universidades, Faculdades e Institutos, ficou ainda restrito, ou aos periódicos existentes, ou as poucas reuniões, uma vez que o produto primordial do conhecimento de ponta produzido no país que são dissertações e teses circulavam muito lentamente e as discussões ficavam, via de regra, restritas aos pequenos círculos de debates dos cursos de graduação e pós-graduação das universidades onde aqueles trabalhos eram produzidos.

Não foi por acaso, que a preocupação com o estudo de longos períodos das trajetórias de autores e linhas de pensamento — por meio dos quais se caracterizava a pesquisa de cunho historiográfico, próprias àqueles estudos que procuravam englobar o processo histórico em sua totalidade — vêm recebendo outro tipo de tratamento, em que se analisam alguns temas, preferencialmente, não a complexidade total dos processos históricos, em seus desdobramentos sociais, culturais, políticos e econômicos. A diversificação dos trabalhos historiográficos tem aberto possibilidades de “novas” leituras sobre o passado e as atitudes dos sujeitos históricos<sup>6</sup>. Nesse

5 MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

6 Há uma preocupação com o exame detalhado das maneiras como ocorre a formação de grupos de intelectuais nas diversas áreas do saber, tendo como objetivo compreender como os indivíduos se relacionam no interior do grupo e constroem seus espaços de sociabilidade, de trabalho e produção de bens simbólicos. Procura-se, além disso, apreender as diferentes formas de percepção de experiências pelos indivíduos quando se relacionam no grupo, para verificar seus projetos de ação e interpretação de seu tempo, na medida em que refazem as representações do processo histórico na relação passado, presente e futuro. Aí estariam: o estudo das origens sociais de movimentos culturais, por meio da circulação de idéias de grupos, em meio as suas redes de sociabilidade e produção de bens simbólicos; o estudo das variadas manifestações de projetos sociais, na maneira como compreendem a história, seja a partir da totalidade ou da especificidade; e na medida em que ocorre o descrédito da compreensão linear do processo histórico, em função dos questionamentos da idéia de progresso material, há o estudo de trajetórias de indivíduos e grupos, por meio do acompanhamento de suas carreiras profissionais e de suas memórias. Para um maior detalhamento desta questão ver: BOUDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990; SIRINELLI, Jean-François & RIOUX, Jean-Pierre (org.) *Para uma história cultural*. Tradução de Ana Moura. Lisboa:

sentido, vários autores, nas últimas décadas, estão pensando o campo intelectual (nas suas redes de sociabilidade, formação e carreira profissional) por meio da trajetória de indivíduos e grupos de intelectuais dentro e fora das universidades brasileiras.

José Honório Rodrigues<sup>7</sup> foi um dos pioneiros no país, ao estudar a delimitação e as funções exercidas pelo historiador quando escreve seus textos, desenvolve métodos de pesquisa e escolhe suas fontes. Embora não tenha sido uma de suas preocupações centrais, o estudo da fundação e do desenvolvimento dos cursos de História e o acompanhamento de trajetórias acadêmicas de historiadores formados em Universidades no país, preocupou-se com os caminhos tomados pela historiografia em vários momentos da história nacional. Em *A pesquisa histórica no Brasil*, de 1952, fez uma demarcação dos autores e instituições que estudaram o passado do país, investigando o desenvolvimento das pesquisas sobre a história nacional, a partir dos temas e métodos escolhidos nos trabalhos analisados. Com *História e historiadores do Brasil*, publicado em 1965, procurou fazer uma revisão dos estudos históricos nacionais, delimitando quais os assuntos selecionados e como foram pesquisados.

José Roberto do Amaral Lapa<sup>8</sup>, na mesma linha de estudos, procurou investigar os períodos históricos, métodos e fontes esco-

---

Estampa, 1998; SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.) *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV; Ed. UERJ, 1996, pp. 231-270; SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta M. & JANAINA, Amado (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, pp. 131-138; DE CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: Idem. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2002, pp. 65-122; STEPHEN, Bann. *As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado*. Tradução de Flávia Vilas Boas. São Paulo: Edunesp, 1994; LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão (et. al.) – 4ª edição – Campinas: Edunicamp, 1996.

7 RODRIGUES, José Honório. *História e historiadores do Brasil*. São Paulo: Editora Fulgor, 1965; RODRIGUES, José Honório. *A pesquisa histórica no Brasil* – 2ª edição revista e ampliada – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

8 LAPA, José Roberto do Amaral. *Historiografia brasileira contemporânea. A história em questão* – 2ª edição – Petrópolis/São Paulo: Vozes, 1981.

lhidas em trabalhos produzidos principalmente depois da década de 1930, dentro e fora das Universidades. Ele catalogou o número de trabalhos defendidos até meados da década de 1980, pautando-se nos dados concernentes, principalmente, à produção do Estado de São Paulo. E avançou ao pesquisar a contribuição de professores historiadores, formados em Universidades brasileiras, no estudo do passado e sua participação na escolha de temas para trabalhos acadêmicos e em programação de cursos na cátedra de História do Brasil da FFCL/USP, por exemplo. Entretanto, não analisou, nesta Universidade, as disputas de poder e os desdobramentos do curso de História e Geografia. Nem avançou sobre a análise da organização dos historiadores em associações e congressos.

Astor Antônio Diehl<sup>9</sup> estudou as características de uma cultura historiográfica que de meados do século XIX até a década de 1970 “foi caracterizada como sendo otimista nas suas formas de orientação sobre o passado e futuro”. Para ele o professor de história e o historiador foram pensados como duas pessoas diferentes. E uma das formas de superar esse dilema e a questão do amadorismo nos estudos históricos seria transpor as barreiras conservadoras da Universidade, por uma estrutura moderna teórica e metodologicamente, porque, haveria uma querela entre historiografia antiga (metódica) e moderna (dos *Annales*) e os estudos históricos no Brasil na década de 1950, ainda não haveriam superado os percalços do positivismo. Uma de suas preocupações centrais foi estudar a utilização de metodologias, produzidas no exterior, dentro e fora das Universidades brasileiras. No entanto, também não avançou sobre a análise da distribuição do conhecimento por meio de congressos e associações entre os historiadores.

Francisco Iglesias<sup>10</sup> avançou sobre os trabalhos anteriores ao ter como preocupação analisar o aprimoramento dos estudos históricos a partir do estudo de obras de diversos autores, por meio do desenvolvimento do ofício de historiador. Não teve a oportunidade de aprofundar sua análise para o período de consolidação das Universidades brasileiras. O autor recorreu à análise comparada de historiadores brasileiros e estrangeiros, a partir de três momentos chaves: a) de 1500 até 1838, representaria as primeiras tentativas de se pensar o que seria o Brasil, ou melhor, o que seriam as partes daquele território até então, ainda pouco

9 DIEHL, Astor Antônio. *Op. cit.*, 1999.

10 IGLÉSIAS, Francisco. *Historiadores do Brasil*. Capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000.



conhecido, já que a idéia de Brasil, nesse momento, ainda não estava totalmente elaborada; b) de 1838, com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), até 1931, surgiram interpretações mais fundamentadas em documentos, que versavam a contribuição de “grandes homens” nas relações com o Estado, e haveria tentativas de se escrever uma história social no e sobre o Brasil; c) e de 1931 com a “reforma do ensino Francisco Campos, criadora das Faculdades de Educação, Ciências e Letras, depois multiplicadas com as Faculdades de Filosofia e de Economia, que contam entre outros com o curso de história”, até, aproximadamente, a década de 1960 e marcaria as tentativas de se pensar social, cultural e economicamente o país, com a contribuição, posterior, das Universidades.

Desse modo, muitos autores têm se debruçado sobre a historiografia brasileira, procurando, em linhas gerais, verificar: a) o crescimento na produção e no número de programas de pós-graduação em Ciências Humanas e História no país; b) o desenvolvimento de linhas de pesquisa; c) o trabalho de brasilianistas e os debates e intercâmbios de idéias e temas com pesquisadores brasileiros; d) o aumento das traduções de diversos autores filiados à “Nova História Cultural” e sua apropriação metodológica e utilização em pesquisas elaboradas no último quartel do século XX; e) as discussões sobre este material em revistas especializadas e apresentado por meio de trabalhos em Congressos, a bibliografia e as fontes pertinentes em cada caso<sup>11</sup>.

Carlos Fico & Ronald Polito<sup>12</sup>, além de estudarem os avanços dos estudos históricos brasileiros, a partir do desenvolvimento das pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, no período de 1980 a 1989, ora, também, enfatizando o aumento de periódicos criados nas Ciências Humanas e em História, tornando mais dinâmica a distribuição do conhecimento de ponta produzido no país, por meio de artigos e resenhas, verificaram, além disso, a circulação dos estudos históricos – em congressos como a SBPC e a ANPUH – entre as universidades brasileiras, no período ora selecionado. Quanto às reuniões do congresso nacional da SBPC, os autores, mostraram, como se segue na tabela abaixo, a con-

11 FICO, Carlos. POLITO, Ronald. *A história no Brasil (1980-1989): Elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.

12 FICO, Carlos. POLITO, Ronald. *Op. cit.*, 1992.

tribuição das áreas de Humanas, e particularmente da História, dentro do evento.

**Tabela 1** - Comunicações de História apresentadas nas Reuniões Anuais da SBPC, 1980-1989.

REUNIÃO	ANO	LOCAL	TOTAL GERAL	HUMANAS	HISTÓRIA
32 <sup>a</sup>	1980	RJ – RJ	2.747	11,7% (322)	0,9% (27)
33 <sup>a</sup>	1981	Salvador	2.665	10,2% (274)	0,7% (20)
34 <sup>a</sup>	1982	Campinas	2.826	12,5% (356)	1,0% (29)
35 <sup>a</sup>	1983	Belém	2.584	11,8% (306)	0,7% (20)
36 <sup>a</sup>	1984	São Paulo	3.142	14,3% (452)	1,1% (36)
37 <sup>a</sup>	1985	BH – MG	2.758	14,8% (410)	1,3% (36)
38 <sup>a</sup>	1986	Curitiba	3.352	15,9% (536)	1,8% (63)
39 <sup>a</sup>	1987	Brasília	2.804	13,5% (381)	1,2% (34)
40 <sup>a</sup>	1988	São Paulo	3.036	20,1% (611)	1,3% (42)
41 <sup>a</sup>	1989	Fortaleza	2.479	15,3% (381)	0,4% (10)

Fonte: Resumos das Reuniões Anuais da SBPC. In: Fico & Polito, 1992, p. 102.

A partir desse quadro sucinto de reflexões, percebe-se que um outro conjunto de questionamentos se forma sobre o assunto, tornando profícuas pesquisas que procurem pormenorizar o processo de diversificação de trabalhos produzidos entre as Universidades e as formas de intercâmbios e trocas de experiências de pesquisas possibilitadas, via de regra, por meio de congressos acadêmicos, livros e revistas especializadas. Tendo em vista que a reunião anual da SBPC foi considerada um evento científico de grande repercussão e significado no país<sup>13</sup>, utilizou-se para o presente trabalho seus Anais referentes à área de História, que foram incorporados, junto aos cadernos de resumos, em meados da década de 1970. Analisam-se, os anos ímpares dos cadernos de resumos, dos anos de 1979 a 1993. A escolha dos anos ocorreu porque no período houve maior intercâmbio entre as Universidades e Faculdades do país e existia um maior número de exemplares, enquanto que em momento anterior a década de 1970 a coleção apresentava-se muito esparsa, além do fato referido acima, qual seja, o de ainda não existir um espaço delimitado para a apresentação de pesquisas em História, numa subseção específica. Um outro motivo este-

13 Cf. FERNANDES, Ana Maria. *A construção da ciência no Brasil e a SBPC*. Tradução de Marcos Bagno. Brasília: Editora da Universidade de Brasília; ANPOCS; CNPq, 1990.

ve ligado à escolha do período para a análise, à diversificação da modalidade de apresentação dos resumos, por meio da abertura para alunos de graduação. Ocasionalmente, em função da expansão dos centros de pesquisa e dos programas de pós-graduação no país. De modo que 1979 indica a abertura da subseção de História para apresentação de trabalhos e 1992-1993 a abertura da subseção para recebimento de trabalhos de alunos dos cursos de graduação.

**Tabela 2 - Universidades de São Paulo nos Anais da SBPC, 1979-1993.**

Ano	Universidades do Estado de São Paulo		De outros Estados		Sem referência		Total	Local da Reunião
	Número	Porcentual	Número	Porcentual	Número	Porcentual		
1979	31	86,0	4	11,0	1	3,0	36	
1981	7	35,0	13	65,0			20	UFBA
1983	14	70,0	5	25,0	1	5,0	20	UJPA
1985	13	56,0	23	64,0			36	UFMG
1987	13	38,0	14	41,0	7	21,0	34	UNB
1989	6	60,0	4	40,0			10	
1991	1	20,0	3	60,0	1	20,0	5	UFRJ
1993	6	13,0	33	72,0	7	15,0	46	UFPE

UNU: Anais da SBPC, referência ao caderno de resumos da área de História. In: *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1979, 31(7): 137-148; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFBA - Bahia - Salvador: 8 a 15/7/1981, 33(7): 144-150; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UJPA - Paraíba - Belém: 6 a 13/7/1983, 35(7): 161-168; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG - Minas Gerais: 10 a 17/7/1985, 37(7): 138-145; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UNB - Brasília: julho de 1987, 39(7): 168-174; *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1989, 41(7): 171-174; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFRJ - Rio de Janeiro: 14 a 19/7/1991, 43(7): 350-357; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFPE - Recife: 11 a 16/7/1993, 45(7): 413-459; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG - Minas Gerais: 45(7), julho de 1997.

Em primeiro lugar, de acordo com a tabela acima, pode-se

notar que o número de resumos apresentados no período, na área de História, não teve um aumento contínuo com o passar dos anos. Além disso, não é possível afirmar que os momentos de pico no número de resumos foram reflexos puros do lugar onde foram apresentados, mesmo porque quando foram apresentados apenas cinco resumos no ano de 1991, não ocorreu fora dos grandes centros de pesquisa. No ano de 1979 dos 36 trabalhos apresentados, as Universidades do Estado de São Paulo expuseram 31 deles o que equivale a 86%, sendo destes a maior parte apresentados pela USP. No ano de 1981 dos 20 trabalhos apresentados, as Universidades do Estado de São Paulo expuseram sete deles, totalizando 35%. Nesse ano houve uma pequena diminuição, talvez porque o lugar onde ocorreu o evento (UFBa – Bahia) talvez tenha dificultado a participação de profissionais de São Paulo, uma vez que no ano seguinte esse número voltou a aumentar para 19 trabalhos, tendo ocorrido o evento na UNICAMP, em Campinas (no Estado de São Paulo).

Entretanto, não se deve apenas ao lugar onde ocorre o evento a diminuição na participação de profissionais do Estado de São Paulo, no número de trabalhos apresentados, mesmo porque no ano de 1983 quando a reunião ocorreu na UFPA (Pará – Belém), as Universidades do Estado de São Paulo contaram com 14 dos 20 trabalhos apresentados. Entre os anos de 1982 e 1984 os números foram: 29 trabalhos em 1982, tendo estas, apresentado 19, isto é, 65,5%; em 1983, 20 trabalhos, tendo estas, apresentado 14 deles, ou 70% do total; no ano de 1984, 36 trabalhos, tendo estas, apresentado 25 deles, representando 69% do total. Nesse período USP, UNESP e UNICAMP foram as responsáveis pela grande maioria dos trabalhos apresentados pelas Universidades do Estado de São Paulo: no ano de 1979 a USP apresentou 17, a UNESP, 9 e a UNICAMP, 4; já em 1982 a USP apresentou 13, a UNICAMP, 4 e a UNESP, 1; por outro lado, no ano de 1984 a USP apresentou 10, a UNICAMP, 6, a UNESP não apresentou nenhum, a PUC/SP, porém, participou com 4 resumos na reunião.

Os números que aparecem em seguida, já demonstram uma diminuição nessa participação, em termos percentuais, embora em termos absolutos mantenha sua representatividade. No ano de 1985 dos 36 trabalhos, as Universidades do Estado de São Paulo apresentaram 13 deles, totalizando 36%; em 1987 dos 34 trabalhos, apresentaram 13 deles, 38% do total; em 1988 dos 42 trabalhos, apresentaram 20 deles, 47,6% do total; em 1989 dos 10 trabalhos, apresentaram seis (USP – 4, PUC- 1, UNICAMP – 1) deles, sendo 60% do total (os outros 4 restantes foram apresentados por Universidades Federais); em 1990 dos 37 trabalhos, apresentaram 15 deles, 40,5% do total; em

1991 dos 5 trabalhos, apresentam 1 deles, 20% do total; em 1993 dos 46 trabalhos, apresentam 6 deles, 13% do total e no ano de 1997 dos 53 trabalhos, apresentam 10, ou seja, 19% do total<sup>14</sup>.

**Tabela 3** - Tipologia dos participantes da SBPC, 1979-1993.

Ano	Professores Universitários		Graduandos Professores		Total Número	Local da Reunião
	Número	Percentual	Número	Percentual		
1979	36	100,0	—	—	36	—
1981	20	100,0	—	—	20	UFBa
1983	20	100,0	—	—	20	UFPA
1985	34	94,0	2	6,0	36	UFMG
1987	26	76,0	8	24,0	34	UNB
1989	7	70,0	3	30,0	10	—
1991	4	80,0	1	20,0	5	UFRJ
1993	32	69,5	14	30,5	46	UFPE

FONTE: Anais da SBPC referente ao caderno de resumos da área de História. In: *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1979, 31(7): 137-148; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFBa – Bahia – Salvador: 8 a 15/7/1981, 33(7): 144-150; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFPA – Pará – Belém: 6 a 13/7/1983, 35(7): 161-168; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG – Minas Gerais: 10 a 17/7/1985, 37(7): 138-149; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UNB – Brasília: julho de 1987, 39(7): 168-179; *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1989, 41(7): 171-174; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFRJ – Rio de Janeiro: 14 a 19/7/1991, 43(7): 350-357; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFPE – Recife: 11 a 16/7/1993, 45(7): 413-459; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG – Minas Gerais: 49(7), julho de 1997.

<sup>14</sup> Cf. *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1979, 31(7): 137-148; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFBa – Bahia – Salvador: 8 a 15/7/1981, 33(7): 144-150; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UNICAMP – São Paulo – Campinas: 6 a 14/7/1982, 34(7): 187-196; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFPA – Pará – Belém: 6 a 13/7/1983, 35(7): 161-168; *Cadernos de Resumos*. SBPC. USP – São Paulo – São Paulo: 4 a 11/7/1984, 36(7): 197-207; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG – Minas Gerais: 10 a 17/7/1985, 37(7): 138-149; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UNB – Brasília: julho de 1987, 39(7): 168-179; *Cadernos de Resumos*. SBPC. Belo Horizonte: julho de 1988, 40(7): 230-243; *Cadernos de Resumos*. SBPC. S/R: julho de 1989, 41(7): 171-174; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFRGS – Porto Alegre: julho de 1990, 42(7): 242-302; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFRJ – Rio de Janeiro: 14 a 19/7/1991, 43(7): 350-357; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFPE – Recife: 11 a 16/7/1993, 45(7): 413-459; *Cadernos de Resumos*. SBPC. UFMG – Minas Gerais: 49(7), julho de 1997.

Até o ano de 1993, de acordo com a tabela acima, em média, 90% dos trabalhos foram apresentados por professores, tendo sido entre os percentuais mais baixos os anos de 1984 com 80,5%, 1987 com 76%, 1989 com 70% e 1991 com 80%. Entre os anos de 1992 e 1993, o congresso abre a modalidade de iniciação científica, com a participação de alunos de graduação, podendo expor seus trabalhos. Até então, além da participação de professores, havia a de alunos nos níveis de mestrado e doutorado, quando não a modalidade não apresentava titulação e origem, e às vezes também apareciam professores das redes estaduais e particulares do ensino fundamental e médio. Evidentemente, levou-se em consideração que havia professores mestres ou terminando seus mestrados, doutores ou terminando eles, assim como bolsistas, que ao invés de inscreverem-se deste modo preferiam a referência de professores universitários. Desse modo, considerou-se a modalidade de acordo como fora apresentada no resumo: professor do departamento; aluno de pós-graduação (nos níveis de mestrado e doutorado), aluno de graduação, por exemplo. A partir dos primeiros anos da década de 1990 o número de trabalhos apresentados por professores vai diminuindo<sup>15</sup>, ao mesmo tempo em que aumentava con-

15 Nesse momento, a participação das Universidades do Estado de São Paulo diminui significativamente, embora os números não sejam lineares, para computarmos sua diminuição, pois houve uma variação de ano para ano. Enquanto que a participação de outras Universidades, principalmente as federais, foi obtendo um aumento significativo. Por exemplo, embora a USP no ano de 1985 tenha apresentado sete trabalhos, a UFF apresentou 10 e a UFRJ quatro. Um outro exemplo pode ser dado com os números do ano de 1993, em que as Universidades do Estado de São Paulo apresentaram seis trabalhos, enquanto as universidades federais apresentaram 21 dos 46 totais, o que equivale a 45,6% dos trabalhos. No ano de 1997 os números foram os seguintes: 10 trabalhos para as Universidades do Estado de São Paulo – USP e UNESP apresentaram cinco cada uma – e as federais 22, dos 53 do total, sendo equivalente a 41,5%. Dos números apresentados, cabe uma pergunta: o que fez com que as Universidades do Estado de São Paulo diminuíssem sua participação no Congresso? Na pesquisa levantamos duas hipóteses: a) a primeira referente ao desenvolvimento e consolidação de cursos de graduação e programas de pós-graduação na área de História, em universidades públicas, privadas e federais pelo país; b) a segunda diz respeito ao fortalecimento da Associação Nacional de professores

sideravelmente a participação de alunos dos cursos de graduação em História. No ano de 1997, por exemplo, os números foram os seguintes: dos 53 trabalhos apresentados no congresso, 14 foram por professores, dois por doutorandos, 11 por mestrados e 26 por alunos dos cursos de graduação<sup>16</sup>. A idéia do fortalecimento político e institucional da Associação Nacional de professores uni-

---

universitários de História (Anpuh), fundando uma revista no início da década de 1980 (mais especificamente no ano de 1981, contando a comissão editorial basicamente com professores do Estado de São Paulo e Rio de Janeiro), o que pode ter redirecionado a concentração de profissionais do Estado de São Paulo, uma vez que eles tiveram grande participação no número de artigos que se apresentava na revista, nos congressos promovidos pela Anpuh e na direção da associação. A segunda hipótese ainda não foi suficientemente estudada, embora pareça ser um forte traço para essa mudança, até porque boa parte dos profissionais que faziam parte de sua administração no final da década de 1980 e na de 1990 formam parte do corpo docente dos professores da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Campinas (UNICAMP) e da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

- 16 Novamente a idéia do fortalecimento político e institucional da Associação Nacional de professores universitários de História (Anpuh) pareceu uma forte hipótese para compreender esses números, junto com àquela da consolidação de uma rede de debates em nível nacional, com a participação cada vez mais efetiva de universidades federais. Além disso, deve-se ressaltar: a) o aumento de bolsas de iniciação científica concedida entre as universidades, nas quais vão aparecendo de forma mais efetiva, a partir dos anos de 1993 a 1997; b) a possibilidade de um número maior de professores melhorando sua formação – por meio de títulos de mestrado, doutorado e livre docência – orientar mais trabalhos de pesquisa; c) aumento do número de vagas e alunos matriculados entre os cursos de graduação, tanto no período diurno como noturno; d) divulgação e apreensão de conteúdos, temas e métodos de pesquisa; e) elaboração e constituição de núcleos e programas de pesquisa com suporte bibliográfico nacional e internacional, circunscrito com temáticas que estiveram em concordância ou adversas a pressupostos hegemônicos do período, entre outros fatores. Desse conjunto de apontamentos forma-se um período mais complexo e difícil de ser interpretado e percebe-se a multiplicidade de caminhos possíveis a serem seguidos, que não aqueles já conhecidos e divulgados pela historiografia brasileira.

versitários de História (Anpuh), pareceu-nos uma forte hipótese para compreender esses números, junto com àquela da consolidação de uma rede de debates em nível nacional, com a participação cada vez mais efetiva de universidades federais.

Assim, vimos como ocorreu à abertura de uma subseção para a área de História, e devido ao aumento do número de alunos dos cursos de graduação em todas as áreas, e por todo país, houve a abertura do evento para a modalidade de iniciação científica no início dos anos de 1990. Observou-se que dentro desse contexto houve o fortalecimento político e intelectual da Anpuh e a consolidação dos cursos de graduação e pós-graduação de várias universidades federais, o que explicou, em parte, a diminuição da participação das universidades do Estado de São Paulo no evento. Por outro lado, pode-se observar junto com Ana Maria Fernandes<sup>17</sup> e Carlos Fico e Ronald Polito<sup>18</sup>, que se até o final dos anos de 1970 a SBPC era o evento científico no país que congregava os professores e pesquisadores de todas as áreas do saber. A partir dos anos de 1980, com o rápido processo de expansão de cursos de graduação e, principalmente, da pós-graduação (iniciada na década de 1970) houve cada vez mais uma especialização dos eventos, congressos e associações científicas de profissionais, remanejando parte dos profissionais que até então se concentravam na SBPC, para eventos, associações e congressos de áreas mais específicas, e para a congregação de profissionais que pesquisavam assuntos e temas semelhantes. Para ficar apenas em um exemplo, no caso de História foi a Anpuh (muito embora, várias outras associações estivessem concomitantemente sendo criadas, ou absorvendo aquele fluxo crescente de profissionais).

17 FERNANDES, Ana Maria. *Op. Cit.*, 1990.

18 FICO, Carlos & POLITO, Ronald. *Op. cit.*, 1992.